

## RELAÇÕES ENTRE GEOGRAFIA E ARTE: AS EDIFICAÇÕES EM MADEIRA NA PAISAGEM DO ARTISTA PRIMO ARAÚJO

*Relations between geography and art: wooden buildings in the landscape of the artist Primo Araújo*

Andressa Maria Woytowicz Ferrari<sup>1</sup>  
Cicilian Luiza Löwen Sahr<sup>2</sup>

### RESUMO

A temática desta investigação são as edificações em madeira da paisagem de Irati (Paraná, Brasil). Sua base epistemológica advém da Fenomenologia, procurando estabelecer conexões entre Geografia, Arquitetura e Arte. Busca-se interpretar a paisagem de Irati do início do século XX, retratada pelo artista local Primo Araújo. Algumas categorias auxiliam esse processo, como a da perspectiva e do cromatismo, aspectos subjetivos inerentes à liberdade artística, e a dos elementos que compõe a paisagem, estes por sua natureza factível, passíveis de triangulação com diferentes fontes (entrevista, bibliografia e fotografia). O estudo traz não apenas uma contribuição a Geografia Histórica de Irati, construindo também uma metodologia interpretativa de imagens de paisagens.

**Palavras chave:** Fenomenologia. Inventário da paisagem. Arquitetura. Cromatismo.

### ABSTRACT

The subject of this research are wooden buildings in the landscape of Irati (Paraná, Brazil). Based on an epistemological approach derived from Phenomenology, it tries to interconnect Geography, Architecture, and Art when interpreting the Irati landscape in the beginning of the 20<sup>th</sup> century, as it is portrayed by the local artist Primo Araújo. Some categories for this kind of interpretation are relevant, as the question of perspective and chromatism as subjective aspects that are inherent to the artist's liberty, and the compositional elements of landscape, triangulated by their factual nature from different sources (interviews, bibliography and photography). Thus, the study is not only a contribution to the Historical Geography of Irati, but also establishes an interpretative methodology for representations of landscape.

**Key words:** Phenomenology. Landscape inventory. Architecture. Chromatism.

1 Doutora em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo no CESCAGE (Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais) e na Faculdade Cesumar de Ponta Grossa. andressa\_ferrari@hotmail.com.

✉ Rua Maria Auxiliadora, 86, Neves, Ponta Grossa, PR. 84020-340.

2 Professora Aposentada do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). cicilian@uol.com.br.

✉ Rua Visconde do Rio Branco, 1800, apto. 1401, Centro, Curitiba, PR. 80420-210.

## INTRODUÇÃO

Muitos municípios da região Sul do Brasil são marcados pela presença de uma arquitetura tradicional em madeira trazida pelos povos imigrantes que aí chegaram desde as primeiras décadas do século XIX. Grande parte destes povos – destacando-se alemães, italianos, poloneses e ucranianos – ocupou propriedades agrícolas alocadas nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (SEYFERTH, 1990; NADALIN, 2001). Estes construíram seus espaços de trabalho e moradia inicialmente utilizando-se da madeira, material abundante encontrado nas localidades onde se estabeleceram.

Segundo Larocca Jr., Larocca e Lima (2008), cada povoado foi construindo suas edificações com os materiais mais próximos e de maior facilidade de extração na natureza. Portanto, as vastas florestas do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul serviram a esse propósito durante a implantação das primeiras colônias de imigrantes, os quais adaptaram suas técnicas construtivas à realidade da matéria-prima local. Nesse processo a madeira teve um papel extremamente relevante.

Em diferentes municípios da região Sul foram preservadas edificações em madeira, transformando-as em lugares de interesse cultural, turístico e patrimonial. Todavia, “boa parte deste patrimônio já desapareceu (demolido ou desmontado) ou está em processo de substituição por edificações novas, ‘modernas’, com sistemas construtivos ‘melhores’, atuais” (BOGO, 2017, n.p.).

Portanto, o gradual desuso dessa matéria-prima acabou por interferir na valorização simbólica das antigas edificações em madeira, tornando-as exemplares singulares na paisagem. Por esse motivo, essas edificações foram escolhidas como objeto desta investigação.

A dialética entre preservação e erradicação de edificações em madeira é um fenômeno que poderia ser estudado em grande parte dos municípios sulistas, no entanto, fez-se necessário estabelecer um recorte espacial para possibilitar tanto o aprofundamento quanto a exequibilidade do estudo. Assim, as investigações

afunilam-se para o contexto paranaense à luz de exemplos do município de Irati, localizado na porção Centro Sul do estado (Figura 1).

Inicialmente ocupadas pelos índios Caingangues e caboclos, as terras de Irati foram palco do movimento de tropeiros e colonizadas por povos europeus de diferentes etnias. De acordo com Kiewiet e Kiewiet (2011), os primeiros colonizadores, holandeses e alemães, chegaram em 1908 à colônia Gonçalves Júnior, localizada a 20 km da atual sede urbana do município de Irati. O adensamento da colonização, entretanto, ocorreu através da chegada gradativa de imigrantes poloneses e ucranianos nos anos seguintes.

Irati foi fundada ao longo da Linha Sul da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande e teve seu ápice econômico entre 1899, com a inauguração da ferrovia, e 1940, época do “auge da utilização da ferrovia como transporte de passageiros e de



**Figura 1** – Localização do município de Irati no Estado do Paraná  
 Fonte: Suporte Geográfico (2019, adaptado).

Relações entre Geografia e Arte: as edificações em madeira na paisagem do artista Primo Araújo  
Andressa Maria Woytowicz Ferrari, Cicilian Luiza Löwen Sahr

cargas, fato que é muito lembrado pela comunidade local, inclusive por aqueles que não vivenciaram esse momento da história” (DEMCZUK, 2011, p. 11). A ferrovia trouxe consigo o desenvolvimento econômico e possibilitou o crescimento da cidade com a consequente atração de pessoas de outras localidades.

A abundância da matéria-prima florestal em Irati e as técnicas construtivas trazidas pelos imigrantes se refletiram na tipologia das primeiras residências e demais edificações industriais, comerciais e de serviços do município. Na fase inicial se tratava de construções de baixa complexidade. Com o passar do tempo, entretanto, assistiu-se a uma diferenciação socioeconômica marcada pela complexificação das construções, ou seja, por edificações de mais de um pavimento, com maior área construída e pelo provimento destas com adornos.

A paisagem de Irati, todavia, foi se transformando ao longo dos anos. Desde os primórdios dessa localidade, vários fatores podem ser mencionados como promotores de mudanças: o processo de urbanização, o aumento populacional, a dinâmica das relações econômicas, as modificações nas necessidades dos habitantes, as novas formas de organização socioespacial, entre outros. Evidenciaram-se nesse processo elementos de permanência e/ou continuidade, mas também elementos de ruptura, representados por aqueles que foram desaparecendo da paisagem.

Bastante numerosas até meados do século XX, as edificações em madeira, representantes da história e cultura local, foram elementos da paisagem afetados pelas constantes transformações. Essa dinâmica se relacionou a mudanças ocorridas nas técnicas construtivas e nos processos aplicados à construção civil, à disponibilidade de matéria-prima e mão de obra, bem como, à perda gradativa de um conhecimento tradicional em relação ao “saber fazer” envolvido com a madeira.

A paisagem iratiense do início do século XX foi retratada tanto em fotos antigas como em obras de arte. Entre essas imagens de paisagens do passado, destacam-se as realizadas por Primo Araújo (1902-1998), renomado artista local. Dario Araújo Primo, seu nome de batismo, era filho de Raymundo Araújo, ferroviário que chefiou a Estação Iraty, e de Anália Veiga Araújo, telegrafista (ARAÚJO, 2010). O artista dominava diferentes métodos de representação gráfica: desenho a mão livre em lápis e papel, óleo sobre tela, aquarela, entre outros.

Nas imagens produzidas por Primo Araújo aparecem diferentes elementos da paisagem iratiense, dentre eles construções em madeira. De acordo com Farah, Guil e Philippi (2008, p. 46):

A memória extraordinária de Primo Araújo permitiu-lhe reproduzir imagens da cidade de Irati depois de passados mais de 50 anos. Desenhou com lápis de cor, na década de 1980, com uma precisão obsessiva, as principais quadras do centro da cidade no período 1915-1930.

Assim, apresentada a temática de investigação e seus preâmbulos contextuais, algumas questões se delineiam para a construção do presente artigo. Seu objetivo primeiro é interpretar a paisagem de Irati do início do século XX, retratada por Primo Araújo, através de um de seus elementos, as edificações em madeira. Todavia, além de trazer uma contribuição à Geografia Histórica de Irati, busca-se construir uma metodologia interpretativa para imagens de paisagens.

Nessa busca, o artigo se estrutura em dois momentos. O primeiro resgata a Fenomenologia enquanto uma abordagem que possibilita conexões entre a Geografia, a Arquitetura e a Arte. O segundo, tendo por base uma das paisagens de Irati com forte presença de edificações em madeira retratada por Primo Araújo, constrói uma metodologia de interpretação de imagem da paisagem e apresenta os resultados dessa interpretação.

## A ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA NA INTERFACE ENTRE GEOGRAFIA, ARQUITETURA E ARTE

Considerando a obra de Primo Araújo como uma experiência vivenciada pelo próprio artista da/na paisagem de Irati, a abordagem humanística ou fenomenológica é utilizada como base desta pesquisa. A Fenomenologia se justifica neste artigo em função da escolha metodológica de interpretação de uma paisagem imagética. Nas obras de arte as informações são transmitidas de forma indireta ao observador, perpassando a experiência do artista.

Goto (2013) exprime em seus estudos a importância de se resgatar, na Geografia, o seu sentido de humanidade. Nesse caminho, buscando superar o positivismo e determinismo impostos pela ciência moderna, o autor apresenta “a constituição de uma Geografia Fenomenológica” que, segundo ele, baseia-se na “recondução da reflexão aos princípios constituintes da realidade, ou seja, a subjetividade e o mundo em sua plena correlação” (GOTO, 2013, p. 33).

Esse autor, fundamentado nas críticas feitas à ciência moderna e sua racionalidade pelo estudioso alemão da Matemática e da Filosofia Edmund Husserl (1859-1938), denuncia a crise de sentido e de razão da Filosofia e Ciência Positivista e as inúmeras e graves consequências provocadas pelo distanciamento entre o saber científico e o saber empírico. Ele retoma deste estudioso a “Fenomenologia Transcendental”, que tem por objetivo recuperar o caráter subjetivo da vida e das experiências humanas, devolvendo à ciência uma proximidade com a humanidade e com seu sentido de existência, ou seja, sua própria vida (GOTO, 2013).

Assim, alicerçado em uma Geografia Fenomenológica Transcendental, o presente estudo toma por base também as reflexões da “Fenomenologia Social” de Alfred Schutz, sociólogo austríaco

que viveu entre 1899 e 1959. O objetivo da Fenomenologia Social é estudar os fatos conforme experimentados na consciência, mediante ações cognitivas e perceptivas, tentando interpretar como as pessoas estabelecem seus significados, o que possibilita gerar dados qualitativos de pesquisa. Schutz (2012) esclarece que a Fenomenologia Social, perante as relações sociais, possibilita aos sujeitos terem a qualquer momento um estoque de conhecimento a mão que lhes serve como um código de interpretações de experiências passadas e presentes. Tal código também determina a antecipação das coisas que virão.

Busca-se apoio ainda em Maurice Merleau-Ponty (1999), filósofo e psicólogo francês que viveu entre 1908 e 1961. Através de sua “Fenomenologia da Percepção”, acredita-se que a construção do conhecimento se dá através da experiência física, corpórea, e que isso está diretamente relacionado à subjetividade humana. A consciência se dá através da percepção do corpo em movimento, do corpo no mundo. Merleau-Ponty (1999) defende a percepção do mundo através da Arte, considerando-a como experiência sensível tanto na criação quanto na contemplação de um objeto.

A Fenomenologia tem, portanto, relação direta com as questões estéticas presentes na Arte. Através dessa abordagem a obra do artista Primo Araújo é tida como a experiência da paisagem vivenciada por ele, modificada através de seu olhar. Portanto, ao contemplar a Arte, segundo Lira (2011, p. 58), “O espectador contempla uma imagem sem ter participado de sua produção, sem escolher ângulo, distância, sem definir uma perspectiva própria para a observação ou pontos de vista”, adquirindo um conhecimento que se traduz através da lente do artista.

Partilhando dessa mesma compreensão, Andreotti (2013) defende a descrição da paisagem através de um aporte psicológico, baseado nas experiências e emoções do observador. Para a autora a descrição

da paisagem “[...] consiste em uma operação na qual o sujeito, que adquire uma psicologia no momento que observa a paisagem, avalia a realidade como um espelho no qual sua própria imagem está impressa naquela paisagem” (ANDREOTTI, 2013, p. 26).

A interface entre Geografia e Arte, embora de natureza intrínseca, apenas recentemente vem recebendo maior reflexão. Diferentes pesquisadores se utilizam da interpretação de obras de arte para desenvolverem estudos geográficos (NOVAES, 2013; GOMES; RIBEIRO, 2013; MARQUEZ, 2006; FERREIRA, 2017).

Marandola Jr. (2010) explica que o sentido de uma obra de arte e sua compreensão se encontra no conhecimento da história e da cultura no momento da sua criação. Dessa forma, o autor defende a aproximação entre Arte e Ciência:

A Arte, assim como a Ciência, também brota da relação orgânica do homem com o meio, e por isso é tão importante para a Geografia. Nas manifestações artísticas estão inscritas geografias da mesma forma que foram necessárias geografias para concebê-las. Tanto o conhecimento existencial do artista quanto seus referenciais culturais estão embebidos de geograficidade, pois esta é inalienável do ser humano e de suas realizações (MARANDOLA JR., 2010, p. 22-23).

Como complemento, além da Geografia e da Arte, insere-se nesta interpretação ainda conceitos relacionados à Arquitetura. A Arquitetura auxilia no entendimento da cultura e história, pois as construções representam o palco da vida cotidiana e constituem as marcas do homem na paisagem. Como afirma Zevi (1996, p. 26):

Cada edifício caracteriza-se por uma pluralidade de valores: econômicos, sociais, técnicos, funcionais, artísticos, espaciais e decorativos, e cada um tem a liberdade de escrever histórias econômicas da arquitetura, histórias sociais, técnicas e volumétricas [...].

Como a imagem selecionada para este estudo, que faz parte do espectro do conjunto da obra de Primo Araújo, encontra-se isenta de figuras humanas, é através das características arquitetônicas que se busca a interpretação do espaço construído. O foco são as edificações em madeira ilustradas pelo artista e que retratam a cidade de Irati-PR nas primeiras décadas do século XX.

Portanto, como instrumento para a interpretação da imagem da paisagem e das relações socioespaciais nela apresentadas, são utilizados subsídios da Geografia, Arquitetura e Arte. A contribuição da Geografia concerne, entre outras, à aplicação do conceito de paisagem através de uma postura integradora, totalizante, na qual não apenas a descrição objetiva importa. A Arquitetura se soma, imprimindo valor à identificação dos elementos construídos como oportunizadores de relações sociais e culturais implícitas na imagem. A Arte articula-se aqui à Geografia e à Arquitetura por se tratar de um estudo a partir de uma interpretação subjetiva da imagem da paisagem produzida por Primo Araújo.

#### **INTERPRETANDO A IMAGEM DA PAISAGEM: O DESENHO DE PRIMO ARAÚJO**

A Arte, como forma de expressão, representa uma linguagem que comunica algo a seus observadores, assim, apresenta uma importância fundamental para a sociedade. É através dela que se permite registrar aspectos intrínsecos a determinada sociedade, a determinado discurso ou intenção, bem como, a determinado ponto de vista. Assim, estudar uma obra de arte, ou um conjunto de obras, pode consistir numa “verdadeira pesquisa histórica, que se propõe a interpretação dos significados e valores” (ARGAN, 2014, p. 15). Nesse sentido, parte-se do pressuposto de que a Arte é uma fonte que pode

ser estudada historicamente por ser uma das “linhas mestras de desenvolvimento da civilização” (ARGAN, 2014, p. 16). Portanto, é a partir desse instrumento que se estrutura a interpretação presente neste estudo.

As representações artísticas, dentre elas a pintura da paisagem, são um mecanismo de intervenção no espaço. As obras de arte contribuem para a construção de um contexto imaginário, este por sua vez pode influenciar na produção do real, no ordenamento do espaço:

A imagem recebida compõe um mundo evidenciado por um olhar exterior a ele, que lhe organiza uma aparência das coisas, estabelecendo uma ponte e um obstáculo entre o espectador e o mundo. A produção do acontecimento que lhe é permitido ver e o seu próprio olhar são dois momentos distintos e separados por todo um processo (LIRA, 2011, p. 57).

A pintura exerce sob o espectador, portanto, duas possibilidades. Lira (2011) aponta que a primeira o torna prisioneiro da mensagem, pois a representação traz a organização dos elementos a partir do olhar do artista e de suas próprias intenções no ato de registrar a paisagem, fazendo com que se confunda real e imaginário. A outra possibilidade seria justamente o oposto, torna possível o distanciamento, evidenciando a diferença entre real e imaginário. Assim, essas possibilidades estão relacionadas respectivamente com a ilusão e a ficção. Para a autora, libertarmos-nos de uma leitura única da mensagem nos faz capazes de reconhecer as construções imaginárias.

Marandola Jr. (2010) defende que o conhecimento geográfico não é produzido apenas por geógrafos, mas que vai além da ciência formal institucionalmente sistematizada, destacando-se a contribuição de outros atores, em especial a dos artistas para a produção de um conhecimento geográfico periférico. Ele enfatiza que os artistas:

Com grande sensibilidade, têm fornecido importantes leituras e construções de realidades que são de interesse não apenas do geógrafo, mas também de historiadores, sociólogos, antropólogos, psicólogos e filósofos. Esta incorporação possui pelo menos dois eixos principais: (1) como relato documental, apegando-se à realidade retratada e àquilo que ela traz de facticidade histórico-geográfica; e (2) como imagem-imaginário ou símbolo-representação, que traz/produz uma visão de mundo (valores e símbolos), desenhando geografias e proporcionando a reflexão sobre a própria condição humana; um conhecimento universal portanto (MARANDOLA JR., 2010, p. 8-9).

A união entre estas duas formas de conhecimento, formal e informal, compõe uma Geografia que segue uma linha humanista. Isso quer dizer que a racionalidade, impressa ao conhecimento formal, precisa ser relativizada, incluindo-se interpretações que considerem a emoção, a imaginação, a percepção e outras ações criativas e intuitivas.

Diante dessa possibilidade, estabeleceu-se a imagem da paisagem como categoria indutiva para a presente investigação. Acredita-se que:

As imagens são textos a serem decodificados e não formas que transmitem mensagens direta e imediatamente apreensíveis. Todavia, ao mesmo tempo, as imagens são construídas pelo geógrafo [poderíamos também dizer pelo artista], que, a partir de sua visão de mundo, para a qual a imaginação desempenha papel crucial, constrói representações sobre um dado aspecto da realidade (CORRÊA, 2011, p. 16).

Entende-se, portanto, que a obra de Primo Araújo, tomada como um conjunto de imagens, é resultante de seu modo de ver o mundo através de uma interpretação artística:

É oferecendo seu corpo ao mundo que o pintor transforma o mundo em pintura. Para compreender essas transsubstanciações, é preciso reencontrar o corpo operante e atual, aquele que não é

uma porção do espaço, um feixe de funções, que é um trançado de visão e de movimento (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 16).

Ou seja, não se interpreta essa obra como registro totalmente verdadeiro ou inteiramente falso, mas como fonte de uma investigação especulativa, utilizando-se de uma “descrição re-ativa” (ANDREOTTI, 2013, p. 37), na qual se responde aos estímulos contidos na imagem da paisagem. Dessa forma,

a paisagem é, em essência, uma caixa especulativa, onde a especulação não deve privilegiar nenhum esquema mental, mas proceder livremente, até exaltar – somente exaltar – o intento temático que, no nosso caso, é geográfico (ANDREOTTI, 2013, p. 41-42).

O conceito de paisagem referente a uma pesquisa “sócio-espacial”, como defende Souza (2013, p. 44), também está ligado ao “espaço abarcado pela visão de um observador”, o que inclui a “representação visual e pictórica de um determinado espaço”. Nesse sentido, a paisagem não é vista apenas como um modelo científico e acabado, mas aberta a diversas possibilidades de interpretações de acordo com o observador. Assim, traz em si mesmo aspectos psicológicos, emocionais, culturais, históricos e sociais que interferem na leitura que se faz da paisagem.

Primo Araújo demonstra, através de sua arte, ter o que Marandola Jr. (2010, p.23) chama de um “conhecimento geográfico experiencial, vivido”. Sua obra reproduz suas impressões de determinadas paisagens em determinados tempos. Assim, este estudo sugere interpretar não apenas o que está retratado nas paisagens, enquanto imagem, indo além. Segue-se o sugerido por Souza (2013), ou seja, interpreta-se também aquilo que se oculta, ou seja, as relações sociais, as relações de trabalho, os fatos históricos, entre outros.

Assim, a partir das reflexões até aqui apresentadas, foi possível a construção da concepção que embasa o presente estudo. Esta aparece sintetizada em um organograma (Figura 2), que aponta um caminho teórico para a interpretação da imagem da paisagem.

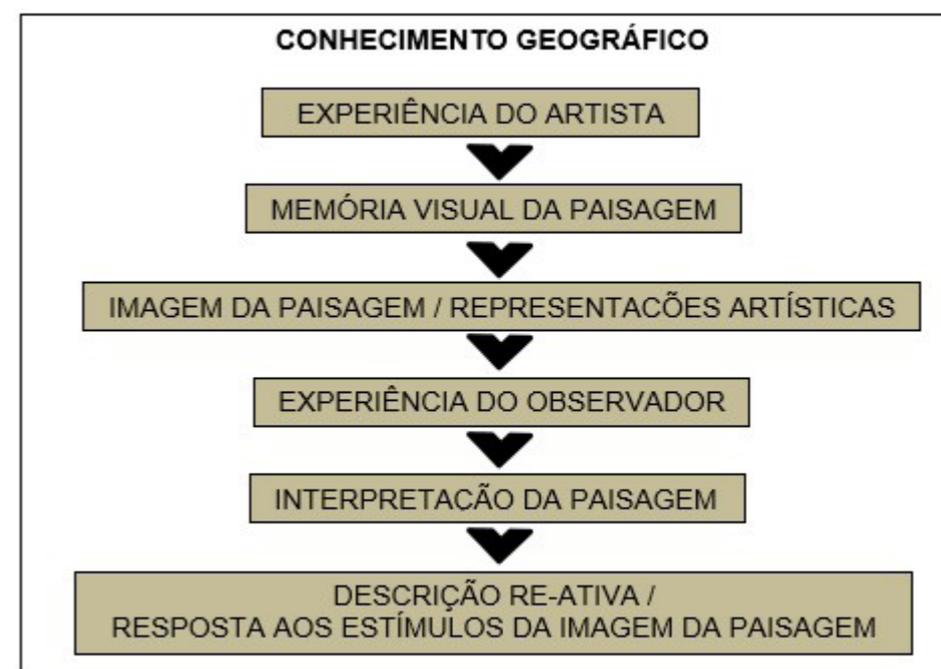


Figura 2 – Concepção teórica para interpretação de imagens da paisagem  
Fonte: A. M. W. Ferrari e C. L. L. Sahr, 2022.

Zeca Araújo, filho do artista, possui um amplo acervo das obras de Primo Araújo, como desenhos feitos com lápis de cor sobre papel Kraft, xilogravuras e outras modalidades de arte. O acervo, além de exemplares originais, possui várias fotografias digitais e reproduções impressas da obra do artista, incluindo aqueles exemplares que foram doados ou vendidos a terceiros. Após o contato com todo esse acervo, fez-se uma pré-seleção de cinco desenhos de Primo Araújo<sup>3</sup> que melhor retratam a paisagem de edificações de madeira que compõe a gênese urbana de Irati.

Dentre essas imagens pré-selecionadas, uma foi escolhida para ser interpretada neste artigo: a imagem da paisagem da hoje denominada Rua Conselheiro Zacarias, vista da esquina

<sup>3</sup> A interpretação dessas cinco imagens da paisagem de Irati pode ser acessada em Ferrari (2020).

Relações entre Geografia e Arte: as edificações em madeira na paisagem do artista Primo Araújo  
Andressa Maria Woytowicz Ferrari, Cicilian Luiza Löwen Sahr

da atual Rua XV de Julho em direção à Praça da Bandeira. Trata-se de uma imagem histórica que retrata o marco inicial da cidade de Irati, onde se destaca fortemente o uso da madeira nas edificações. Trata-se de um desenho de Primo Araújo que pode ser considerado como um esboço inicial (Figura 3), já que deu origem a outras duas obras, mais ricas em detalhes e cores (Figuras 4 e 5), as quais aparecem ilustradas em Farah, Guil e Philippi (2008).

No primeiro esboço (Figura 3), a imagem da paisagem é mais simplificada e há anotações feitas pelo artista sobre as edificações, identificando cada uma delas. No desenho da Figura 4 percebe-se um maior detalhamento dos elementos da paisagem, como a fiação dos postes de iluminação pública, a vegetação, a representação das tábuas da pequena ponte sobre o arroio e também a coloração das águas deste, com o reflexo da vegetação na sua superfície. Já no quadro que utiliza a técnica da têmpera sobre isopor (Figura 5) a riqueza dos detalhes é ainda maior, sobretudo com relação à vegetação, que ganha mais destaque e uma terceira dimensão, mas há pouca diferenciação no aspecto das edificações em madeira.

Considerando que o artista que retratou a imagem já é falecido, mas seu filho – José Maria Grácia – detém grande conhecimento sobre a obra, foram captados através de entrevistas os relatos do filho do artista sobre os fatos vividos por seu pai em Irati, bem como, suas próprias experiências. Zeca, como é conhecido, conta que o pai retratava de forma realista as paisagens de Irati, sendo conhecido como “Kodak da redação” (ARAÚJO, 2016).

Ainda segundo ele:



**Figura 3** – Esboço da paisagem de Irati no início do século XX produzido por Primo Araújo  
**Fonte:** Acervo de Zeca Araújo e fotografia de A. M. W. Ferrari, 2016.

Dotado de uma extraordinária inteligência e de um grande talento artístico, Primo Araújo, como era conhecido, produziu diversos tipos de obras, como pintura, desenho e escultura. Exteriorizou, através do pincel, do estilete, da tinta e do lápis de cor, muitas de suas lembranças de uma Irati que ainda não conhecia a máquina fotográfica. Preservando viva as suas imagens e memória até os dias de hoje (ARAÚJO, 2010, n.p.).

Essas lembranças e memórias de Primo Araújo, consolidadas nos desenhos e quadros do artista, estão repletas de valores simbólicos (CLAVAL, 2007) relacionados à sua maneira de ver o mundo. Portanto, por mais que seu filho e outros autores como Farah, Guil e Philippi (2008) afirmem que o pai seguia um estilo realista, o que se interpreta neste artigo não é a veracidade das

Relações entre Geografia e Arte: as edificações em madeira na paisagem do artista Primo Araújo  
Andressa Maria Woytowicz Ferrari, Cicilian Luiza Löwen Sahr



**Figura 4** – Paisagem de Irati no início do século XX produzida por Primo Araújo  
**Fonte:** Farah, Guil e Philippi (2008, p. 41).



**Figura 5** – Paisagem de Irati no início do século XX produzida em têmpera sobre isopor por Primo Araújo  
**Fonte:** Farah, Guil e Philippi (2008, p. 76).

imagens, mas suas possibilidades, tomando-as como “caixas especulativas” (ANDREOTTI, 2013, p. 42).

A partir das informações encontradas em diferentes fontes, foi possível estabelecer uma metodologia para operacionalizar a interpretação de imagem da paisagem. O passo a passo encontra-se esquematizado em um organograma (Figura 6).

Segundo Zeca Araújo (2016), a obra selecionada (Figura 3) retrata a cidade por volta de 1919 ou 1920, ilustrando um dos lugares mais antigos de Irati, existente desde 1899, data na qual os trilhos da estrada de ferro estavam chegando ao município. Um croqui (Figura 7), elaborado a partir do primeiro esboço, permite a identificação dos elementos que aparecem na paisagem, entre eles as edificações em madeira. Tal identificação foi construída de forma dialógica com o entrevistado (ARAÚJO, 2016).

A partir dos elementos visuais que compõe a paisagem retratada por Primo Araújo, torna-se possível estabelecer seus significados intrínsecos. Primeiramente se interpretam os aspectos subjetivos e especulativos das imagens com base na escolha da perspectiva e cromatismo (do desenho pelo artista), que faz transparecer o que detalha e o que esconde, ou seja, o que é central e o que é secundário na imagem da paisagem. A interpretação das intenções do artista se baseia na forma como ele trabalha as cores, as luzes e sombras, bem como nas diferenças de traços.

Num segundo momento são identificados e descritos os elementos contextuais retratados na paisagem, bem como, as relações que se estabelecem entre eles. Tal descrição se apoia em bibliografias de caráter local/regional que ressaltam as características naturais da região e a história do município e

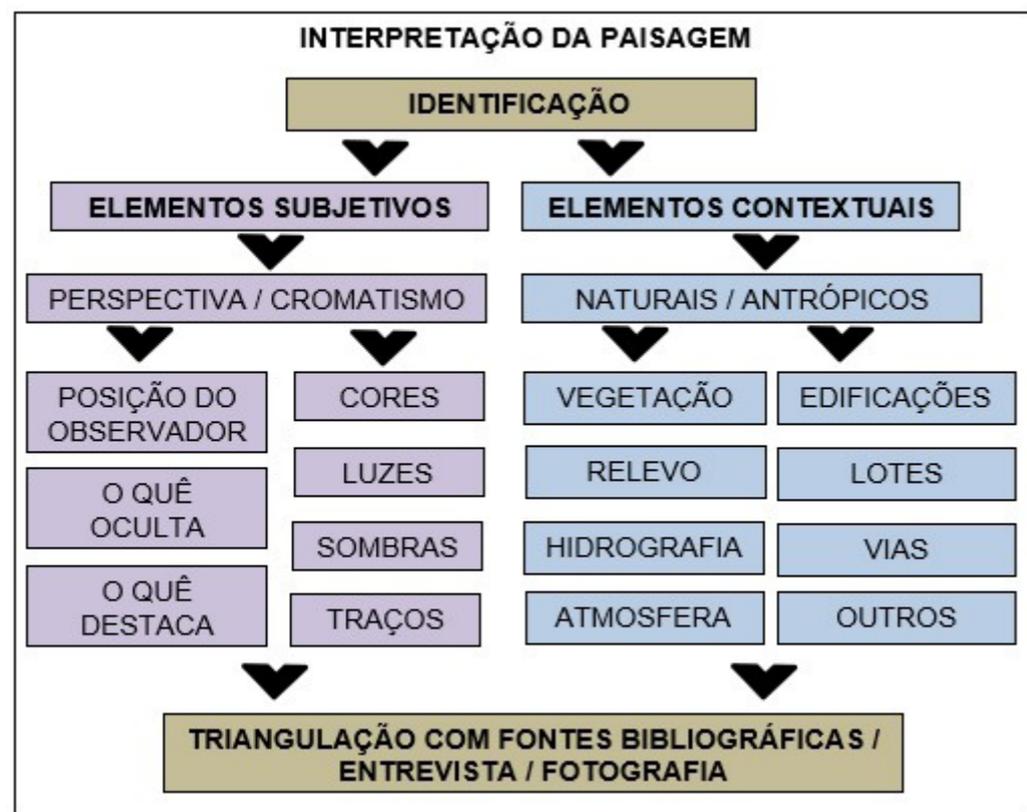
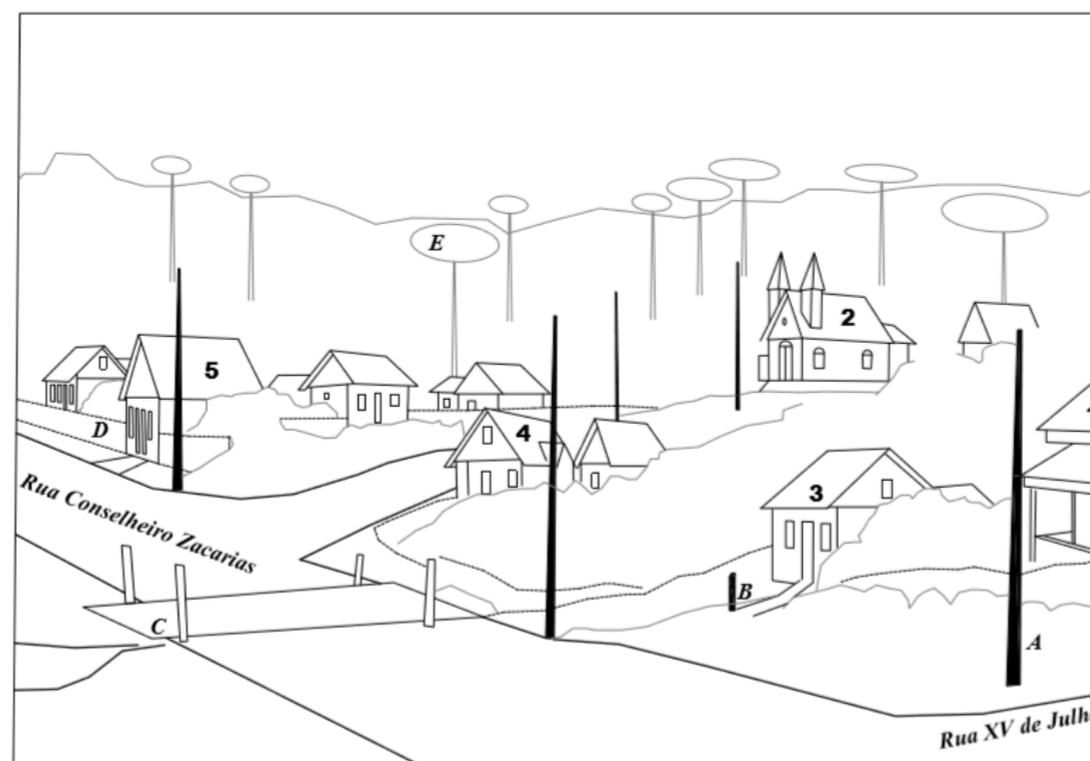


Figura 6 – Metodologia para interpretação da imagem da paisagem  
 Fonte: A. M. W. Ferrari e C. L. L. Sahr, 2022.

das famílias de imigrantes que ali chegaram. De forma transversal são destacadas as características que dão “vida” e “movimento” a paisagem, ou seja, de que forma seu conteúdo social é retratado. Os resultados dessa interpretação são apresentados na sequência.

#### *A perspectiva e o cromatismo*

Neste desenho de Primo Araújo (Figura 3), os elementos de maior destaque na paisagem, identificados pelo nível de detalhamento na imagem, são as edificações em madeira. A imagem da paisagem se



#### LEGENDA

- |                                        |                                  |
|----------------------------------------|----------------------------------|
| 1. Pharmacia Apollo                    | A Postes de iluminação pública   |
| 2. Capela Nossa Senhora da Luz         | B Palanque para atar cavalo      |
| 3. Casa da família Thomaz              | C Ponte sobre Arroio dos Pereira |
| 4. Casa da família Borges              | D Linhas das cercas              |
| 5. Casa de Zeferino Salles Bittencourt | E Araucária                      |
| — Vegetação                            |                                  |

Figura 7 – Croqui elaborado a partir do desenho de Primo Araújo  
 Fonte: A. M. W. Ferrari, 2017.

apresenta em perspectiva com dois pontos de fuga, na qual a altura dos olhos do criador/observador está próxima à linha do horizonte.

Mesmo sem uma técnica precisa, nota-se que a maior parte dos traços que conferem profundidade aos elementos da paisagem converge para estes dois pontos localizados um em cada extremidade do desenho, localizados à esquerda e à direita dele. Na medida em que os elementos se aproximam desses pontos imaginários a sua proporção no desenho fica

Relações entre Geografia e Arte: as edificações em madeira na paisagem do artista Primo Araújo  
Andressa Maria Woytowicz Ferrari, Cicilian Luiza Löwen Sahr

menor. Os elementos que estão mais próximos ao criador/observador aparecem em maiores proporções, como é o caso das edificações representadas na borda direita do desenho. À esquerda, também com certo destaque na paisagem, apesar de não ser o elemento central, está posicionada a atual Rua Conselheiro Zacarias.

A edificação que se sobressai na paisagem é a capela, localizada na porção superior direita da imagem, no ponto mais alto do relevo. Nota-se na paisagem uma área mais baixa e plana na esquina das atuais Ruas Conselheiro Zacarias e XV de Julho, no canto inferior esquerdo da imagem. Sugere-se um relevo em plano inclinado com uma área mais alta no canto superior direito. Na terceira pintura, a mais colorizada (Figura 5), a capela parece ter se aproximado da estrada principal, sendo alocada numa parte mais abaixo do desenho.

A imagem se complementa com elementos naturais, tais como a vegetação, as nuvens e o céu. A vegetação, apesar de estar representada em sua maior parte com traços imprecisos e aleatórios nas áreas recobertas por forrações rasteiras, deixa perceber a presença de araucárias num horizonte mais longínquo. É visível na parte posterior do desenho, onde o relevo apresenta maiores altitudes, a presença de vários pinheiros, nos quais se notam um traçado particular que permite identificar sua forma através dos longos troncos retilíneos e do posicionamento dos galhos na copa voltados para o céu. A simetria dessas árvores também é aparente no desenho.

A vegetação é representada quase como um esboço, sem cores contrastantes, com uma tonalidade quase “apagada” na paisagem. Em grande parte do desenho a vegetação se sobrepõe às edificações, que aparecem parcialmente encobertas por ela, o que se interpreta como sendo ainda a presença densa de elementos vegetais em um contexto urbano pouco povoado. Os tons mais fortes de verde foram utilizados pelo artista justamente nos galhos das araucárias, para dar destaque a essa espécie vegetal, muito marcante na paisagem local.

Entre os elementos naturais do desenho chamam atenção as nuvens, com traços curvos muito arredondados e fortes, feitos em lápis azul, demarcando claramente seu perímetro na parte superior, lembrando desenhos infantis. Complementando a representação do céu, o azul foi utilizado também para preencher a parte superior do desenho, numa pintura com traços na diagonal, com maior preenchimento na borda direita. Essas características permitem que se interprete, nessa paisagem, a ocasião de um dia ensolarado com céu claro e a presença de algumas nuvens brancas no horizonte.

Há pouca sombra no desenho, o que indica uma paisagem com o sol ainda alto. As áreas sombreadas se limitam a alguns pontos nas próprias edificações, que sugerem a profundidade dos beirais e das esquadrias das portas e janelas, bem como o soerguimento destas em relação ao nível do solo. Nos elementos de maior altura notam-se sombras posicionadas em porções diferentes do desenho. Os postes, elementos mais altos da paisagem, tem sua sombra posicionada à direita. Também os pilares que sustentam uma ponte no canto inferior esquerdo do desenho têm sua sombra à direita. No entanto, um palanque posicionado em frente a uma das residências, localizada à direita da imagem, tem sua sombra voltada para a esquerda. Outra porção sombreada é a parte que fica abaixo da ponte. Não se nota a sombra das edificações. Porém, interpreta-se pela maior parte dos elementos que o sol estaria posicionado na borda esquerda do desenho, iluminando com maior intensidade as fachadas das edificações voltadas para esse lado, assim como os postes que ao longo do seu eixo vertical aparecem mais iluminados nessa posição.

No cromatismo sugerido por Primo Araújo, mesmo que de forma sutil, faz-se notar a diferença do solo com a água existente abaixo da ponte. Mesmo com cores bastante próximas, há o contraste entre esses dois elementos e a impressão de que a água reflete a luz que incide sobre ela.

As cores predominantes nessa paisagem, além do azul do céu e o verde claro das forrações vegetais, são os tons alaranjados dos telhados que indicam suas águas cobertas por telhas de barro. Diferentes tonalidades aparecem na madeira empregue nas edificações, tanto nas coberturas mais escuras, nas quais se sugere a presença de taubilhas (telhas feitas com lascas de madeira), quanto na vedação das paredes feitas com esse material sem aplicação de qualquer pintura, o que era comum na época.

O artista não se utiliza de nenhuma figura humana no desenho dessa paisagem. A presença humana é notada pelos desgastes presentes nas ruas de terra e passeios, o que sugere fluxos. Essas características permitem que se imagine a vida cotidiana ali presente. Possivelmente uma das paisagens mais movimentada à época por estar próxima à estação de trem e por conter a capela, complementando-a. É possível imaginar a movimentação das carroças e dos cavalos na via, meios de transporte comuns naquele período, e a locomoção dos pedestres nos passeios se deslocando até a capela em dias de encontros religiosos, dando vida à paisagem.

#### *Os elementos contextuais e as edificações em madeira*

Segundo Zeca Araújo (2016), a estação de trem e o trilho ficavam próximos a esta paisagem (Figura 3), estando o tronco ferroviário à esquerda dos elementos que constam neste desenho de Primo Araújo. Nessa área se estabeleciam inicialmente aqueles que buscavam oportunidades na cidade, fazendo com que esse sítio fosse bastante movimentado e o mais desenvolvido do município naquela sua fase, isso por estar próximo ao modal ferroviário (ORREDA, 2007).

A área, com topografia acidentada, apresenta um desnível entre a via e a porção à sua direita. Na parte mais alta foi erguida a primeira capela de Irati dedicada a Nossa Senhora da Luz. Há também outros

elementos naturais presentes na imagem, tais como um pequeno corpo d'água denominado Arroio dos Pereira (FARAH; GUIL; PHILIPPI, 2008) e a vegetação florestal que circunda o espaço. Dispersas na paisagem, na parte posterior do desenho, tem-se a presença de Araucárias demarcando o horizonte, evidenciando os pinheirais que margeavam a área urbana.

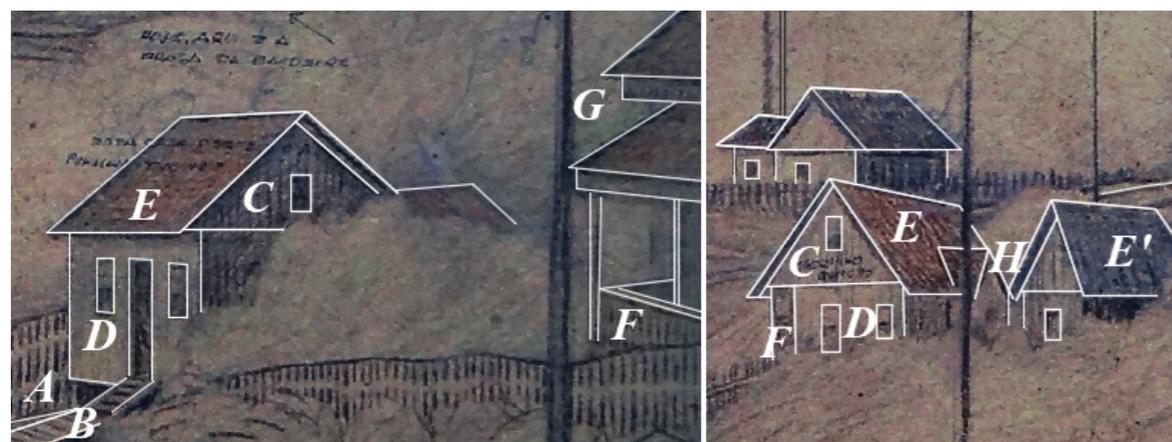
Em relação à infraestrutura urbana, percebem-se as cercas em madeira que separam o espaço privado dos lotes do espaço público das ruas não pavimentadas, uma ponte de pranchões de madeira que encobre a presença do arroio e a existência de posteamento indicando que já nessa fase havia eletrificação no local. Conforme Orreda (2007, p. 22): "A instalação da iluminação pública e particular, das ruas e das casas, ocorreu no dia 8 de dezembro de 1918, às 19 horas, solenemente na sala da Câmara, serviço prestado pela empresa Emílio Baptista Gomes, constituída nesse ano".

Neste desenho de Primo Araújo (Figura 3), as edificações em madeira são representadas com detalhes que demonstram as características construtivas daquele período. Nas edificações é comum a utilização de tábuas serradas colocadas no sentido vertical com mata-juntas (sarrafos), da base soerguida do solo para evitar umidade e das escadas de acesso (Figura 8 – A e B). Tem-se ainda a presença de sótãos (Figura 8 – C) na maioria das edificações, da decoração com lambrequins (Figura 8 – G) em algumas delas, do telhado feito com telhas de barro ou com taubilhas (Figura 8 – E e E') e do uso das esquadrias das janelas tipo guilhotina (Figura 8 – D). Algumas edificações contam com varandas laterais (Figura 8 – F).

Do conjunto das edificações dessa paisagem, cinco (Figura 9) foram mencionadas por Zeca na entrevista (ARAÚJO, 2016): a igreja, a farmácia e três residências.

Neste desenho (Figura 3), destaca-se a da Capela de Nossa Senhora da Luz (Figura 9 – B), onde, de acordo com Farah, Guil e Philippi

Relações entre Geografia e Arte: as edificações em madeira na paisagem do artista Primo Araújo  
 Andressa Maria Woytowicz Ferrari, Cicilian Luiza Löwen Sahr

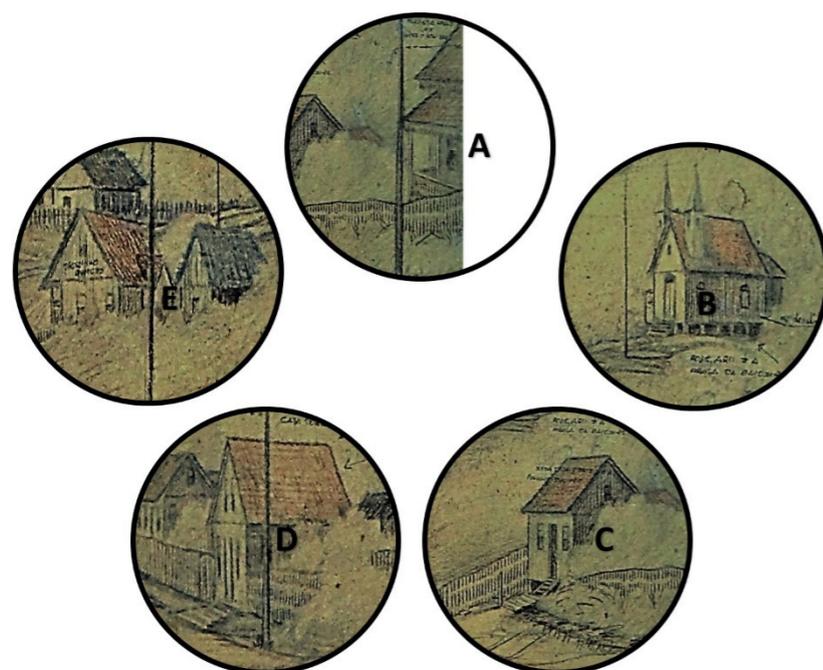


LEGENDA

A Base da edificação	D Janela em guilhotina	F Varanda
B Escada de acesso	E Telhado com telhas de barro	G Adorno de lambrequim
C Sótão	F Telhado de taubilhas	H Mansarda

Figura 8 – Detalhes construtivos das edificações em madeira da paisagem retratada por Primo Araújo

Fonte: Acervo de Zeca Araújo e organização de A. M. W. Ferrari, 2018.



LEGENDA

A Pharmacia Apollo	D Residência de Zefferino Salles
B Capela de Nossa Senhora da Luz	Bittencour
C Residência da família Thoomaz	E Residência da família Borges

Figura 9 – Edificações de madeira dos primórdios de Irati retratadas pelo artista Primo Araújo na Paisagem

Fonte: Acervo de Zeca Araújo e organização de A. M. W. Ferrari, 2018.



Figura 10 – Capela de Nossa Senhora da Luz, fotografia da primeira missa realizada no local em setembro de 1904

Fonte: Farah, Guil e Philippi (2008, p. 76).

(2008), em setembro de 1904 foi rezada a primeira missa da cidade (Figura 10). Nela toda a comunidade se reunia em função das festas e dos cultos religiosos. Tal edificação permitia o encontro entre os proprietários das edificações em madeira, mas também com aqueles que trabalhavam nas serrarias e aqueles que se dedicavam a construção destas. Atualmente no local existe a Praça da Bandeira e a agência dos Correios.

O volume principal da edificação (Figura 9 – B) demonstra uma planta retangular com cobertura em duas águas bastante inclinadas, que abrigava a nave e o altar. A técnica construtiva utilizada é a madeira serrada, disposta em tábuas colocadas no sentido vertical e arrematadas por mata-junta. É possível que o espaço interno tenha sido tripartido, conferindo à nave central um pé-direito mais alto do que nas naves laterais, entretanto não foram encontradas fotos internas da capela que comprovem essa informação.

Uma ampla porta central em arco pleno se destaca na fachada principal, convidando a comunidade para adentrar no edifício (Figura 10). Nas laterais, as duas torres de forma quadrada que se erguem encaixadas no corpo da capela, uma em cada lado do prédio, conferem simetria à composição arquitetônica. Ambas terminam com telhado em forma de pirâmide. É possível perceber também que as telhas que o cobriam eram em madeira.

A altura da capela é uma característica que chama a atenção na paisagem (Figura 7), conferindo importância ao edifício e confirmando sua relação com o divino, ou seja, um plano espiritual superior. O óculo circular na fachada principal e nas torres é também uma característica comum em edifícios religiosos, este auxilia a entrada de iluminação natural no interior da edificação.

No detalhe do desenho de Primo (Figura 9 – B) percebem-se ainda duas janelas na fachada lateral direita, ambas com bandeiras em arco

pleno. A parte posterior da capela contempla um volume menor e mais estreito que se destaca da planta principal retangular. Essa área abrigava provavelmente o altar posterior e a sacristia.

A Capela de Nossa Senhora da Luz, nesse contexto, apresenta-se como uma referência em torno da qual a vida se desenrolava em Irati, sendo assim um dos lugares mais importantes na história do município. Nas suas imediações, percebe-se um conjunto de edificações em madeira ao longo da atual Rua Conselheiro Zacarias (Figura 3). Segundo Zeca Araújo (2016), o casarão entrecortado, na esquina com a Rua XV de Julho no canto direito do desenho, é onde funcionou a Pharmacia Apollo (Figura 9 – A), uma das primeiras da cidade. A casa seguinte, com escadas, pertencia à família Thomaz (Figura 9 – C) e a casa maior no canto esquerdo foi onde morou o prefeito Zefferino Salles Bittencourt (Figura 9 – D). As duas casas pequenas no centro da imagem pertenceram à família Borges (Figura 9 – E).

A Pharmacia Apollo, uma das primeiras da cidade, fundada em 21 de abril de 1913, era propriedade do Sr. Antônio Xavier da Silveira (FARAH; GUIL; PHILIPPI, 2008). Ela ficava na esquina entre as atuais Ruas Conselheiro Zacarias e XV de Julho, sendo para esta última sua fachada principal. Essa fachada contava com uma varanda voltada para a Rua Conselheiro Zacarias. No desenho (Figura 9 – A) percebe-se também que a cobertura da varanda se apresenta de forma independente do telhado do volume principal da farmácia. Essa edificação é a única neste desenho (Figura 3) que possui lambrequins (ornamento de madeira recortada) ao longo das águas do telhado.

A casa próxima da Pharmacia Apollo, com escadas na porta principal, era propriedade de Santos Thomaz (Figura 9 – C). Essa residência parece ser a menor e mais simples do conjunto ilustrado no desenho. Isso se faz notar pela fachada principal, que contém uma porta e apenas duas janelas. A planta, pelo que se percebe na imagem, parece

ser quadrangular, o que de acordo com Larocca Jr., Larocca e Lima (2008, p. 93) pressupõe “dimensões modestas e divisões simples” que acomodam um programa de necessidades composto por sala, quarto e cozinha. A residência, como muitas outras desse período, também possui um sótão.

A maior residência, ao final da rua (Figura 7), além de moradia também era uma casa de comércio – o que se faz perceber pelas duas portas de acesso voltadas para a via principal – pertencente à Zefferino Salles Bittencourt, que foi prefeito da cidade entre 1924 e 1928 (FARAH; GUIL; PHILIPPI, 2008). Esta casa (Figura 9 – D), maior que as demais, possui duas janelas no sótão e a altura da cumeeira é bastante pronunciada, o que evidencia a inclinação das duas águas do telhado.

No desenho (Figura 3) foram representadas ainda duas residências (Figura 9 – E) que aparecem no centro da imagem que são de “Nhozinho Borges” (FARAH; GUIL; PHILIPPI, 2008). Uma dessas casas, a maior delas, possui uma varanda lateral, que possivelmente dava acesso à sala. Esta parece ter a planta em “L” ou em “T”, o que se percebe através da cobertura, que além das duas águas principais com a cumeeira mais alta, se prolonga em uma das laterais em duas águas de menor dimensão e altura, perpendiculares ao corpo principal. Esse pequeno volume, em sua solução arquitetônica, abrigava muito provavelmente a cozinha da residência.

Ao lado da residência principal (Figura 9 – E) aparece a outra edificação de menor proporção e com telhado em duas águas. Os dois volumes parecem estar organizados em linha, justapostos, no entanto parece não haver nenhum elemento de união entre eles. Segundo Larocca Jr., Larocca e Lima (2008), era comum que se conjugassem residências de madeira através de varandas, corredores ou passarelas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tradicionalmente e com maior expressão, os estudos urbanos vêm se amparando por reflexões de caráter mais funcionalista ou crítico marxista. Sem desprezar tais abordagens, buscou-se nesta investigação um direcionamento complementar, igualmente desafiador, incorporando reflexões fenomenológicas e holísticas às interpretações da paisagem urbana. Para tanto, partiu-se de uma aproximação entre ciência e arte, reafirmando a necessidade de reatar tais laços.

Ao se buscar uma interpretação de uma imagem da paisagem de Irati no início do século XX, expressa pelo artista local Primo Araújo, deparou-se não apenas com um fragmento da história visual da cidade, mas com uma abertura para se experienciar uma apreensão estética da cidade. O urbano é um fenômeno percebido na imagem, que se expressa através das edificações concentradas, vias com iluminação pública, enfim, de aspectos que caracterizam o mundo vivido naquele determinado tempo.

Ao detalhar com precisão as edificações ali presentes – com sótão, mansardas, janelas em guilhotina e lambrequins –, o artista comunica sua grande admiração por essa forma tradicional de arquitetura. Assim, sua imagem torna-se também um caminho alternativo para a apreensão estética da arquitetura em madeira de Irati-PR.

Dessa forma, para além de uma simples interpretação dos elementos que compõe a paisagem imagética do artista, tornou-se possível incorporar uma faceta contemplativa. A escolha da perspectiva e do cromatismo pelo artista trouxe a necessidade de se mergulhar num universo de traços, cores e tonalidades, sombras e luzes. Isso permitiu que se adentrasse, através da imaginação, num cenário que revela a

Relações entre Geografia e Arte: as edificações em madeira na paisagem do artista Primo Araújo  
Andressa Maria Woytowicz Ferrari, Cicilian Luiza Löwen Sahr

animação da vida cotidiana: pedestres nos passeios, carroças e cavalos nas vias e fiéis rezando na capela.

Por fim, acredita-se que os caminhos aqui trilhados para o desvendar de uma Geografia Histórica de Irati e para o traçar de um percurso metodológico de interpretação de imagens de paisagens, tornaram-se um interessante ponto de encontro entre a ciência e arte, mas sobretudo entre esta e a Geografia e Arquitetura. ☉

## REFERÊNCIAS

ANDREOTTI, Giuliana. **Paisagens Culturais**. Trad. Ana Paula Bellenzier, Beatriz Helena Furlanetto, Marisa França Teixeira, Marcos Alberto Torres, Roberto Filizola, Luciana Ferreira e Larissa Alexandra Cavalcanti de Souza. Curitiba: Editora UFPR, 2013.

ARAÚJO, José Maria Grácia. Os pioneiros da nossa história. **Irati de Todos Nós**. Irati: Rádio Najua, 08/11/2010. Programa de rádio. Disponível em: <http://radionajua.com.br/noticia/irati-de-todos-nos/materias/os-pioneiros-da-nossa-historia/5460/>. Acesso em: 16 set. 2018.

ARAÚJO, José Maria Grácia. **Vida e obra de Primo Araújo**. [Entrevista concedida a] Andressa Maria Woytowicz Ferrari. Irati: Clube do Comércio, jul. e dez. 2016. Vídeo formato MTS.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. Trad. Pier Luigi Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

BOGO, Amilcar Jose. Arquitetura em madeira em Santa Catarina: Patrimônio histórico e tipologia habitacional atual. **Arquitextos**, São Paulo, v. 18, n.p, set. 2017.

CLAVAL, Paul Charles Christophe. **A geografia cultural**. Trad. Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: EdUFSC, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. Denis Cosgrove: a paisagem e as imagens. **Espaço e Cultura**, n. 29, p. 7-21, jan./jun, 2011.

DEMCZUK, Paula Grechinski. Ferrovias e turismo: reflexões sobre o Patrimônio Cultural Ferroviário em Irati (PR). 2011. 109 f. **Dissertação** (Mestrado em Geografia – Gestão do Território) – Setor de Ciências Exatas e Naturais, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2011.

FARAH, Audrey Lilian Souza; GUIL, Chico; PHILLIPI, Silvio José. **Irati 100 anos**. Curitiba: Editora Arte, 2008.

FERRARI, Andressa Maria Woytowicz. Geografia, Arquitetura e Arte: As edificações de madeira como elementos da paisagem de Irati/PR – Uma interpretação da obra de Primo Araújo. 2020. 265 f. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2020.

FERREIRA, Lohanne Fernanda Gonçalves. Geografia e arte: uma análise da produção da representação da favela nas obras de Cândido Portinari. **Terr@Plural**, v. 11, n. 2, p. 304-326, jul./dez. 2017.

GOMES, Paulo Cesar da Costa; RIBEIRO, Leticia Parente. A produção de imagens para a pesquisa em geografia. **Espaço e Cultura**, n. 33, p. 27-42, jan./jun. 2013.

GOTO, Tommy Akira. Fenomenologia, mundo-da-vida e crise das ciências: a necessidade de uma geografia fenomenológica. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 33-48, 2013.

KIEWIET, Ruth; KIEWIET, Willem. **Imigrantes = Immigranten**: História da imigração holandesa na região dos Campos Gerais, 1911-2011. A Colônia de Gonçalves Júnior – Irati – PR: A imigração holandesa de 1908 – 1909 no Brasil. Carambeí: Estúdio Texto/APHC Editorial/NMC – Núcleo de Mídia e Conhecimento, 2011.

LAROCCA JR., Joel; LAROCCA, Pier Luigi; LIMA, Clarissa de Almeida. **Casa Eslavo Paranaense**: arquitetura de madeira dos colonos

Relações entre Geografia e Arte: as edificações em madeira na paisagem do artista Primo Araújo  
Andressa Maria Woytowicz Ferrari, Cícilian Luiza Löwen Sahr

poloneses e ucranianos do sul do Paraná. Ponta Grossa: Larocca Associados, 2008.

LIRA, Lenice. Percorrer o espaço: a imagem do território na pintura de paisagens. **Espaço e Cultura**, n. 29, p. 55-68, jan./jun de 2011.

MARANDOLA JR., Eduardo. Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento. **Geosul**, v. 25, n. 49, p. 7-26, jan./jun. 2010.

MARQUEZ, Renata Moreira. Arte e geografia. In: FREIRE-MEDEIROS, Bianca; COSTA, Maria Helena Braga e Vaz da (Orgs.). **Imagens Marginais**. Natal: EDUFRN, 2006. p. 11-22.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. Trad. Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeira de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NADALIN, Sérgio Odilon. **Paraná: Ocupação do território, população e migrações**. Curitiba: SEED, 2001.

NOVAES, André Reyes. Geografia e História da Arte: apontamentos para uma crítica à iconologia. **Espaço e Cultura**, n. 33, p. 43-64, 2013.

ORREDA, José Maria. Irati, teu nome é história. In: **Revista do Centenário 1907 – 2007: Cem Anos de História**. Irati: Editora O Debate, 2007. v. 8.

SCHUTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Trad. Raquel Weiss. Petrópolis: Vozes, 2012.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e Cultura no Brasil**. Brasília: Editora UnB, 1990.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SUPORTE Geográfico. **Mapa de Irati – PR**. 2019. Disponível em: <https://suportegeografico77.blogspot.com/2019/09/mapa-de-irati-pr.html>. Acesso em: 21 ago. 2020.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Submetido em janeiro de 2021.

Revisado em junho de 2021.

Aceito em setembro de 2021.